

Etnografia como uma abordagem para investigar as práticas de mídia – de Macambira ao Texas*

Ethnography as an approach to investigate the media practices – from Macambira to Texas

Entrevista com ANTONIO C. LA PASTINA **
por Lírian Sifuentes ***

APESAR DE PAULISTA, muitos pesquisadores brasileiros da Comunicação citam-no sem saber de seu país de origem. Do mesmo modo, há quem atrele sua formação à Antropologia, embora tenha se graduado em Jornalismo e desenvolvido sua formação sempre na Comunicação. Para o primeiro desconhecimento, a justificativa está no fato de sua trajetória acadêmica ter se dado nos Estados Unidos, para onde se mudou há 25 anos, após concluir o curso de Jornalismo na Universidade Metodista. Em relação ao segundo equívoco, infere-se que ocorra pela profundidade conquistada na pesquisa empírica, sendo referência em estudo etnográfico.

Antonio La Pastina, professor do Departamento de Comunicação da *Texas A&M University*, mesmo geograficamente distante, continua de olho no Brasil. Seu principal interesse de pesquisa permanece sendo a telenovela brasileira e sua audiência, tema que abordou em sua tese *The telenovela way of knowledge: An ethnographic reception study among rural viewers in Brazil*. Nessa investigação, realizou uma pesquisa etnográfica em uma pequena comunidade no interior do Rio Grande do Norte, com a qual continua em contato há 17 anos, desenvolvendo um estudo longitudinal que o permite perceber a evolução da relação entre as pessoas e a mídia.

Nesta entrevista, La Pastina fala de temas como etnografia na Comunicação, pesquisa de campo, telenovela e de sua trajetória acadêmica nos Estados Unidos. Também comenta sobre a difícil entrada de estudos brasileiros no país norte-americano, destacando como barreira, além da língua, a falta de circulação de periódicos brasileiros em outros países, o que considera um desafio atual para a área.

* Esta entrevista foi realizada em junho de 2013, durante o período de doutorado sanduíche da entrevistadora em College Station-Texas, que teve a orientação do professor Antonio C. La Pastina.

** Ph.D. pelo Departamento de Radio-Television-Film da University of Texas at Austin. Professor Associado do Departamento de Comunicação na Texas A&M University, College Station, Texas, Estados Unidos. E-mail: alapastina@tamu.edu

*** Doutora em Comunicação pela PUCRS, com período de doutorado sanduíche na Texas A&M University, bolsista PDJ-CNPq de Pós-Doutorado (PPGCOM-PUCRS), Porto, Alegre-RS, Brasil. E-mail: lisifuentes@yahoo.com.br

MATRIZES: Quando inicia seu interesse por fazer pesquisa em Comunicação e por que nos Estados Unidos?

La Pastina: Fiz Jornalismo no Brasil, estudei na Metodista, nos anos 1980, de 1984 a 1988. Curiosamente, um dos livros que li, *A leitura social da novela das oito*¹, de Ondina Fachel Leal, me deixou fascinado. Naquele momento, não pensei que fosse trabalhar com novela, mas aquele livro me marcou muito, por uma razão ou outra, e acabou tendo um impacto importante na minha carreira no futuro. Estudei com pessoas muito interessantes naquele período, mas o plano era de trabalhar como jornalista. Por questões da vida, me mudei para os Estados Unidos, depois de terminar a faculdade. Trabalhei na *Folha de S. Paulo* por um período curto. Acabei indo estudar na Universidade de Illinois, na época, um programa de Comunicação recente, de mestrado. Estava morando em Chicago, e trabalhei com um professor que era venezuelano, que estudava temas principalmente de mídia e representação política no México. Ele estava muito interessado em questões de raça, minorias, a comunidade hispânica nos Estados Unidos. Honestamente, naquele ponto, não sabia o que queria fazer, era jovem, estava achando meu caminho, mudando do Jornalismo para o começo de uma carreira acadêmica. Trabalhando com ele, realizando leituras, resolvi que o que realmente me interessavam eram as questões de audiência, saber por que as pessoas consomem o que elas consomem e o que acontece com as pessoas quando elas consomem. Isso ocorria no começo dos anos 1990, as questões de raça, racismo, questões de minorias, eram muito fortes nos Estados Unidos, ainda são, nunca deixaram de ser. Eu, na condição de estrangeiro, de um imigrante, trabalhando também como garçom em um restaurante, tinha também esta preocupação. Então, meu primeiro estudo, minha dissertação de mestrado, era olhando como os latinos – entrevistei mexicanos e porto-riquenhos – entendiam a questão de racismo num programa de televisão, *True Colors*, em que o casal principal era formado por um homem negro e uma mulher branca, e que falava em racismo contrário. Era uma entrevista mais ou menos longa, em que eu mostrava o programa, um *sitcom* de 23 minutos. Estava interessado em saber como os latinos viam a questão do racismo entre brancos e negros, porque os Estados Unidos têm sempre essa dicotomia, você é branco ou você é negro, e os latinos são uma coisa meio à parte, assim como os asiáticos. A questão de racismo é sempre vista entre preto e branco. Nesse estudo, as questões com que eu estava preocupado eram sementes daquilo com que eu iria me inquietar para o resto da minha carreira, até hoje. Primeiro, questões de representações de minorias, questões de identidades minoritárias, de grupos que estão na periferia, que estão fora do centro de produção, que estão fora da representação e do consumo. E, segundo, como as pessoas se relacionam com os programas que elas consomem. Naquele

1. LEAL, Ondina Fachel. *A leitura social da novela das oito*. Petrópolis: Vozes, 1986.

momento eu não estava pensando no que elas gostavam necessariamente, ou que elas escolhiam, mas sim um que eu selecionei, mostrava e todos assistiam ao mesmo programa. Então, diria que foi meu primeiro estudo de audiência. Em 1993, comecei o meu doutorado na *University of Texas at Austin (colocar em português)*, trabalhando com o Emile McAnany², que era uma pessoa importantíssima na área de Comunicação e desenvolvimento, América Latina, muito respeitado, muito conhecido. E para minha sorte – mais sorte do que outra coisa – cheguei nessa universidade e ele estava participando de um projeto muito grande para estudar a relação de telenovelas e demografia no Brasil, com *grants* de várias fundações. Eu, como brasileiro, interessado em questões de audiência, com experiência de entrevista, entrei para esse grupo de pesquisa. Então, realmente começou essa preocupação com o Brasil, o acesso a recursos para poder fazer pesquisa no Brasil e um arcabouço intelectual sólido para pensar como a novela – a mídia em geral também, mas principalmente a novela – participa do processo de transformação social, que é concreto, pois se sabe que o Brasil mudou muito dos anos 1960 até os anos 1990, quando esse grupo estava começando a estudar a questão da telenovela. Coincidiu muito com as minhas preocupações, pois envolviam questões de grupos periféricos no Brasil, e o grupo estudava a telenovela que, sem dúvida, é um dos principais, é o principal texto do Brasil, pois acho muito difícil pensar o país sem pensar a telenovela. Apesar de jornalista, a minha preocupação nunca recaiu sobre notícias, notícia é muito importante, mas nunca me seduziu, a ideia de estudar notícias não me interessava muito. Interessa a mim, sim, estudar quando as notícias se relacionam com a ficção. Talvez porque uma parte desse processo que me interessa é a questão do prazer, as pessoas estão assistindo por prazer, não que notícia não possa ser prazerosa, mas é diferente. Enfim, esse projeto com o Emile McAnany estava associado com vários grupos no Brasil, inclusive a Universidade de São Paulo, o CEBRAP, a Unicamp, bem como o Centro de Pesquisas Populacionais da Universidade do Texas. Era um projeto ambicioso e acabei tendo a oportunidade de fazer um estudo etnográfico no Brasil. Esse projeto incluía *survey*, grupos de discussão e etnografias em três comunidades. Um dos lugares era São Paulo, o outro era uma cidade de médio porte e o terceiro era uma de pequeno porte. Nasci em São Paulo, cresci numa cidade grande, mas sempre fui fascinado com questões do interior, de cidades pequenas, que associo também com essa coisa da periferia, de quem está fora do centro de produção. Então, estudar uma comunidade rural me interessou muito. Acabei indo passar um ano numa cidade que hoje eu chamo de Macambira, não é o nome real da cidade, é o pseudônimo dessa comunidade. Era uma cidade pequena, dois mil habitantes, no interior do Rio Grande do Norte, no Seridó. E daí minha carreira se desenvolveu ao que é hoje³.

2. Com McAnany, La Pastina publicou um artigo, bastante citado no Brasil, de revisão teórica e metodológica sobre os estudos de audiência de telenovela: McANANY, E.; LA PASTINA, A. As audiências das telenovelas: Uma revisão da literatura e crítica metodológica das pesquisas na América Latina. *Intercom*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 17-37, 1994.

3. O tema é abordado em: LA PASTINA, A.; STRAUBHAAR, J. Multiple proximities between genres and audiences: The schism between telenovelas' global distribution and local consumption. *Gazette*, v. 67, n. 3, p. 271-288, 2005.

MATRIZES: São 16 anos em contato com essa comunidade. Quais as vantagens dessa pesquisa de longo prazo, em que é possível comparar aquela comunidade do final da década de 1990 com a de hoje?

La Pastina: Para dizer a verdade, quando comecei a fazer essa pesquisa, continuar lidando com essa comunidade não era parte do que eu imaginava. O que aconteceu é que, depois de um ano nessa comunidade, desenvolvi, primeiro, relações fortes com muitos membros da comunidade, de carinho, de compreensão, de bem-querer. Quer dizer, uma etnografia em profundidade permite o desenvolvimento de relações, que se tornam laços fortes. Essas relações também ajudam você a entender a comunidade melhor. Esta é uma das grandes vantagens: quando você desenvolve um projeto etnográfico de longa duração, está sempre construindo e construindo, está sempre aumentando o seu conhecimento a partir de um ponto inicial. Então, eu começo em 1996/1997. Quando volto, em 2001, algumas daquelas crianças menores agora estão na escola; algumas das crianças para as quais lecionei quando dava aulas na comunidade – durante o ano que estava lá dei aula de inglês – já estavam casadas, com filhos. Então, você acompanha esse processo de formação da vida das pessoas, ao mesmo tempo em que acompanha o processo de transformação do país, da economia, da política e da mídia. Permite entender como as pessoas lidam com esse material de uma forma processual, histórica, ampliando a riqueza de contexto. Esta é uma das vantagens. Em 2006, passei com eles só um mês, mas, em 2010, fiquei um semestre. A mudança nesse período de dez anos é incrível. A internet chega a Macambira em 2007, momento em que a economia brasileira está em ascensão, o celular se difundindo. Enfim, a transformação que aconteceu em dez anos nessa comunidade é tremenda. Quando eu iniciei, em 1996/1997, um raio havia destruído a antena da cidade, e, para resolver o problema, todos usaram suas economias para comprar antenas parabólicas. Do começo de 1996 ao final do mesmo ano, a vida da comunidade mudou radicalmente. Antes, você dependia só da recepção de uma antena pública e, daí, passa a ter parabólicas, que permitem que as pessoas assistam a programas em outros canais. De uma dominância total da TV Globo, você passa a ter a recepção de *Marimar* (SBT), e *Marimar* se torna uma telenovela superpopular, primeiro porque era distinta do que as pessoas estavam acostumadas, e também porque tem proximidade, para usar um conceito de um dos meus orientadores, o Joseph Straubhaar, *cultural proximity*, com os valores tradicionais da comunidade, com os valores patriarcais da comunidade⁴. Avançando até 2010, a internet faz com que as pessoas pensem na possibilidade de se relacionar com o local e com o global simultaneamente, o que em 1996/1997 não existia, que em 2001 não existia, que em 2006 não existia. Por quê? Porque, por meio

4. Entre os artigos produzidos a partir de sua tese, destacamos: LA PASTINA, A. Telenovela reception in rural Brazil: gendered readings and sexual mores. *Critical Studies in Media Communication*, v. 21, n. 2, p. 162-181, 2004; Selling political integrity: Telenovelas, intertextuality and local elections in Brazil. *Journal of Broadcasting and Electronic Media*, v. 48, n. 2, p. 302-325, 2004.

da internet as pessoas se conectam tanto com o local, através de *blogs*, de informações locais, através de *sites* de discussão; mas também com o nacional e com o global, através do consumo, por exemplo. Elas têm um cartão de crédito que permite a elas comprarem o que elas veem na televisão, o que elas veem na internet. Entender o que está acontecendo hoje nessa comunidade é muito mais rico porque eu posso entender o que aconteceu em 2006, 2001, 1996/1997. É o estudo etnográfico tradicional, não estou fazendo nada que antropólogos não vêm fazendo há um século ou mais, que é acompanhar o processo de transformação cultural na comunidade e entender como alguns dos rituais da comunidade se transformam através do tempo. Meu interesse, meu foco nesse processo, é a mídia: como a mídia e as diferentes tecnologias de comunicação que existem possibilitam que essa comunidade se transforme, como a cultura dessa comunidade se transforma e como eles usam essas formas de comunicação para entender o mundo deles e o mundo de fora.

MATRIZES: Além de Macambira, você chegou a fazer alguma pesquisa em outra comunidade?

La Pastina: Realizei um trabalho muito pequeno, antes de começar a tese, em outra comunidade do nordeste, menor, de 700 habitantes, sobre o qual nunca escrevi nada, era como um piloto para ver se a metodologia funcionava. Também fiz pesquisas na fronteira do Texas com o México, em algumas comunidades pequenas, principalmente com imigrantes mexicanos, em geral, não documentados, pensando questões de acesso à informação, usos de novas tecnologias. Fiz um trabalho pequeno na Itália, analisando a recepção da novela *Terra Nostra*, da Rede Globo. Eu estava pensando como a comunidade de onde saíram muitos dos migrantes que estavam sendo representados na ficção via essa novela quando ela estava sendo exibida na Itália. Ainda, fiz algumas pesquisas na China, quando morei e dei aulas lá. Trabalhei com algumas comunidades fazendo entrevistas sobre memória, como as pessoas lembram o começo da televisão durante e após a Revolução Cultural no país. Mas o que me dá prazer e o que sinto que é mais forte para mim, que me interessa realmente, são duas coisas: uma é a telenovela no Brasil e como a telenovela se desenvolve no tempo e se transforma; a outra é pensar como Macambira mudou no decorrer do tempo. O primeiro é muito mais ligado à questão do texto, produção, para entender a história e o desenvolvimento do gênero; o outro é pensar essa comunidade em um projeto etnográfico de longa duração. Sem dúvida, um dos modelos para essa pesquisa é o Richard Pace, que escreveu, sob a orientação do Conrad Kottak, um trabalho sobre Grupá, no Pará, estudando a entrada da televisão nessa comunidade. Agora, vinte e tantos anos depois, ele acaba de lançar um

livro olhando como a relação entre essa comunidade e a televisão se desenvolveu no transcorrer de 25 anos. Existem poucos modelos de estudos longitudinais na nossa disciplina, em parte porque é uma disciplina nova, em parte porque estudos de longo prazo exigem toda uma vida conectado com um estudo. Isso não impede que façamos outros estudos e publiquemos sobre outras questões. Fazer entrevista etnográfica, trabalho etnográfico, leva tempo, você tem que se realocar, todas as suas obrigações têm que ficar paradas, e, depois que você volta é preciso um tempo enorme para analisar os dados e esses ganharem sentido. É um processo custoso em vários aspectos, pessoais, profissionais, financeiros. Possivelmente é por isso que não são realizadas com frequência.

MATRIZES: Assim, o seu principal estudo é, e sempre foi, no Brasil. Estando fora, morando nos Estados Unidos, como é estudar um objeto brasileiro – a telenovela, a cultura brasileira? Como é manter a ligação com essa cultura? Quais são as vantagens e desvantagens de ter esse olhar, de certa forma, de fora?

La Pastina: A desvantagem é enorme e a vantagem existe também. A desvantagem é que você está sempre correndo atrás. Não acompanho novela, bem como as notícias do Brasil no dia a dia, dependo de assistir um pouco pela internet, ler as notícias pela internet, conversar com meus contatos e de viagens que realizo. Tento ir ao Brasil uma vez por ano, às vezes mais, às vezes menos, mas em geral uma vez por ano vou ao país e faço algo que chamo de *immersive unstructured participant observation*, que é conversar com pessoas, conhecidas ou não, falar sobre o Brasil e escutar o que elas estão falando. A vantagem de você não estar no Brasil, sinto isso, é que quando chego ao país estou aberto a qualquer informação. Então, sou muito receptivo a entender o que está acontecendo, ver tendências e, também, focalizado na questão da novela, a relação da novela com questões culturais. Essa é uma vantagem. Mesmo a desvantagem, que é não ter acesso à informação, quando você estuda outra cultura, uma cultura da qual não é parte, no dia a dia, permite focalizar algumas questões principais dentro daquela cultura. Contudo, também, sou brasileiro, morei no Brasil até meus 22 anos, vou e volto do Brasil, tenho um contato relativamente grande com o país, então isso permite com que eu seja *insider* e *outsider*. Uma das razões pelas quais me interessava também a ideia de trabalhar com uma comunidade pequena e que não conhecia é porque sempre me preocupei muito com a questão de ser *insider*. Não acredito que você pode ser um *insider* fazendo pesquisa. No momento em que toma a posição de pesquisador, você se separa da comunidade, mesmo que seja parte daquela comunidade. Você é um *insider*, mas está *stepping out*, está pisando fora daquele terreno, daquele lugar, que é para poder entendê-lo. Então, hoje, eu fazendo pesquisa numa cidade do interior

do Nordeste não é muito diferente de um brasileiro do sul fazendo pesquisa numa mesma cidade. A diferença, sim, é que não tenho acesso diário, e direto, às informações sobre o Brasil, ou sobre a novela. Agora, os Estados Unidos têm uma tradição muito longa de estudos de *international communication*. Estudei com o Emile McAnany, que desde os anos 1960 estuda mídia na América Latina. O Joe Straubhaar, meu outro orientador na *University of Texas*, estuda o Brasil desde os anos 1980. Faz parte do – aqui eu vou usar o “nós” – nosso projeto imperialista, o projeto imperialista americano de entender o resto do mundo. Assim, fui treinado para ser parte de um grupo acadêmico que estuda outras nações. A grande vantagem que tenho é que estudo uma nação que eu entendo muito bem, da qual sou parte, na qual tenho um acesso muito maior do que se estudasse a China, por exemplo. Mas que é problemático é, estou dentro e estou fora. A minha compreensão do Brasil é cada vez mais filtrada pelo meu modo de compreender os Estados Unidos, o meu viver os Estados Unidos. Outra vantagem que talvez eu tenha em estudar outra nação é que eu vivi uma vida um pouco itinerante nesses últimos 20 anos, lecionei e fiz pesquisa em muitos países. Então, essa questão de não ser de um lugar me permite entrar nele com um olhar um pouco mais curioso, talvez.

MATRIZES: Sobre a pesquisa etnográfica, como foi a sua preparação teórica, metodológica e mesmo pessoal, para passar 13 meses em uma comunidade com uma cultura totalmente diferente da sua? E o que essa imersão gera de valor para o seu trabalho?

La Pastina: Antes de ir fazer o meu trabalho de campo, havia lido praticamente tudo que existia naquela época sobre etnografia de telenovela, estudo qualitativo de telenovela, etnografia de mídia. Uma coisa que ficou clara naquele período é que muita gente, quando falava de etnografia da audiência, etnografia de mídia, falava de estudos qualitativos, curto prazo, entrevistas, com algumas exceções, e, em geral, as exceções eram pessoas que tinham treinamento antropológico e não de mídia. Então, não havia muitos modelos sobre como desenvolver um trabalho de campo dentro da nossa disciplina e meu treinamento era de jornalista, minha base era aquela. Para a tese, fiz um piloto, passei um verão, mais ou menos dois meses, numa comunidade muito pequena, no interior do Ceará, chamada Pasqual. E foi uma experiência transformadora. Eu nunca tinha vivido num lugar tão pequeno. Nasci em Santo André, na periferia de São Paulo, cresci em São Paulo, então a ideia de uma cidade com 700 moradores, com ruas de terra, era uma coisa *exótica*. Quando cheguei a Pasqual, no fundo, tinha idealizado um pouco, criado uma ideia do etnógrafo colonial entrando num vilarejo, vivendo naquele vilarejo e passando as tribulações do

etnógrafo. Tinha um pouco desse *ranço* etnográfico tradicional, de estudar outra cultura, estudar um lugar distante. Depois de dois meses nessa comunidade, me dei conta que esse ranço não tem nada a ver e pensei: “se venho pra cá por isso, melhor ficar em casa”. O que me fez decidir que realmente queria continuar fazendo etnografia foi perceber quanta informação pude coletar em dois meses, das relações que desenvolvi com pessoas daquela comunidade, nas quais até hoje penso, e da possibilidade de compreender essa comunidade e sua relação com a mídia. Foram relações fortes que me permitiram entender porque a televisão era tão importante na vida daquelas pessoas, suas aspirações, desejos. Foi uma relação muito poderosa, de estar vivendo no dia a dia, 24 horas. Você acorda nessa comunidade, vai dormir nessa comunidade. É aquele processo de aquisição de intimidade. A única forma de realmente desenvolver técnicas etnográficas é vivendo a etnografia. Então, depois de dois meses nessa comunidade, voltei para o Texas e reli muitos dos clássicos, como Geertz, *Writing culture*, uma coletânea de textos que Marcus e Clifford tinham editado. Passados oito meses, me mudei para o Brasil para começar meu campo de um ano. Cheguei três meses antes da novela começar, e iria acompanhar a novela toda. O problema é que a novela – *Rei do Gado* – fazia tanto sucesso que eles ficavam estendendo os capítulos, o que acabou durando nove meses⁵. Então, fiquei quase treze meses na comunidade. Algumas questões: o único requisito era de que a comunidade precisaria ficar próxima de um hospital, e isso era por causa de uma exigência da minha mãe (risos). Quando informei que ia morar numa comunidade pequena, ela disse “não tem problema, vai, vai ser ótimo, mas tem que ter um hospital perto porque se não eu não vou dormir”. Essa cidade ficava a 25 km de outra cidade que tinha um hospital, não que hospital garantisse muita coisa, mas era um hospital. E era uma coisa importante para mim, brinco que era a minha mãe que queria que existisse um hospital, mas quando você resolve fazer uma pesquisa de campo, há alguns limites nos quais você precisa pensar: qual é minha tolerância para o incerto? O que é necessário para que eu sobreviva nesse contexto? Emocionalmente, mais do que fisicamente; fisicamente não é tão difícil, mas, emocionalmente, penso que é sempre o grande problema, porque você vai estar isolado. Naquele período, a internet era péssima, dentro da comunidade era impossível, tinha que levar o computador para outra cidade e, raramente, conseguia conexão. Telefonar ainda era caro, então era uma coisa um pouco limitada. Esse processo emocional é muito importante. O que eu fazia era sair da comunidade a cada três meses, passava uma semana fora, viajava. Uma vez fui para São Paulo, outras fiquei no Nordeste, era um momento em que eu me permitia relaxar, pensar minha própria vida, fazer outras coisas que me interessavam. Depois voltava para a

5. A duração usual de uma telenovela *das oito* da Rede Globo é de sete meses. Geralmente, a duração é planejada de acordo com o sucesso da trama junto ao público.

comunidade e continuava. Mas tinha esse momento de recarga. Com o passar do tempo, muitas das pessoas se tornaram amigas, com um grande problema: todos achavam que eu era casado, com uma mulher. Quando, na verdade, eu tinha acabado de terminar uma relação com um homem. Essa pequena informação, que para mim não era tão pequena, para eles também não seria tão pequena, nunca permitiu com que me sentisse totalmente à vontade⁶. Hoje, quando volto na comunidade, as pessoas olham para mim e falam “ah...”. Eles são muito mais antenados e sabem, existe aquela coisa meio informal de que eu seja, provavelmente, gay, mas eles não falam, eu também não falo, mas não tem mais aquela preocupação, que no começo tinha. Eles eram muito curiosos, “quem é a sua mulher?”, “quem é a sua família?”, “por que você não tem filhos?”. Esta era uma das grandes dificuldades de fazer campo, essa questão da minha vida pessoal e o quanto eu tinha, ou não, coragem de revelar.

MATRIZES: E como isso tudo, a experiência em campo, contribuiu na sua tese?

La Pastina: A minha tese foi uma loucura porque, quando cheguei de volta do campo, depois de 13 meses, tinha 30 entrevistas de mais ou menos 1h45 cada, mais umas 20 entrevistas, entre meia hora e uma hora, e mais umas mil páginas escritas com notas no computador, do meu diário de campo. O jeito como fazia diário de campo era em parte discutindo com outras pessoas, lendo, e em parte criado por mim. Divido o diário de campo em três partes: numa, escrevo tudo que aconteceu, e eu tinha uma rotina muito definida, que abordarei daqui a pouco; numa segunda, coloco perguntas – agora é muito fácil com o recurso de comentários fazer comentários no próprio texto – coisas que não entendo, outras que quero voltar e perguntar de novo, tarefas que tenho que fazer ou pensar algo em relação a um tópico específico; e, numa terceira, teorias, metateorias, questões teóricas, que ajudam a explicar o que está acontecendo. Então, separo e tenho tudo o que aconteceu, a narrativa; tenho algo que é mais pragmático, o que preciso fazer para entender melhor o que aconteceu ou questões que surgiram que eu não tinha pensado; e, depois, já começo a fazer uma análise dos dados, vou teorizando, pensando o que preciso ler, o que terei de buscar, uma teoria que vai me ajudar a entender, ou, por exemplo, “tá na cara que aqui tem a ver com o que Bourdieu fala”... Vou preparando a minha análise. Quando voltei do campo, não tinha ideia do que fazer, a quantidade de dados era tremenda, então demorou um pouco. Levei dois anos para analisar e escrever a tese. Imagino que a grande dificuldade é porque, quando estava fazendo a pesquisa de campo, não pensei no que gostaria de escrever, eu estava muito aberto, o meu pecado é ter ido para lá sem

6. O pesquisador desenvolve discussão sobre a temática em: LA PASTINA, A. The implications of an ethnographer's sexuality. *Qualitative Inquiry*, v. 12, n. 4, p. 724-735, 2006.

pensar muito no que queria focalizar com os meus dados. Fui pensando que queria estudar telenovela nessa comunidade e entender o processo. Tinha um projeto muito definido que era para esse *grant*, o processo de entender a relação entre os telespectadores e a novela, mas para minha tese eu não tinha muitas questões, não tinha definido se iria trabalhar só com gênero, ou com relações entre homens e mulheres, ou com questões de política. Então, levou um tempo até eu ter noção de todo aquele material. A grande vantagem é que quando fez sentido, eu tinha muito material. Depois de escrever a tese, publiquei muitos artigos sobre a comunidade, porque tinha muita coisa para falar e até hoje penso “poxa, deveria ter escrito isso e não escrevi porque bobiei”. Assim, o que a etnografia permite é você ter um volume de material que propicia uma análise muito mais ampla de um processo, de uma comunidade. A etnografia, uma boa etnografia, que gere um bom material, vai permitir que você faça análises mais profundas, mais detalhadas, e vai possibilitar que desdobre trabalhos. Quando escrevi a tese, pensei em questões políticas, sociais e econômicas. Entretanto, poderia ter pensado, como fiz depois, outras questões que estavam presentes nesta narrativa. Esta é uma das vantagens da etnografia, ela propicia, primeiro, uma riqueza de informação, que pode ser paralisante, mas pode também ser transformadora, que oferece grandes possibilidades para entender melhor o processo. Mas também não é para qualquer um, nem todo o mundo tem que fazer etnografia, é preciso ter um certo tipo de personalidade. Fazer etnografia não é diferente de realizar estudos usando estatísticas, para os quais você tem que ter um tipo de pensar, uma forma de ver o mundo. Metodologia é um pouco algo de pele, é da sua forma de ver o mundo. Etnografia, para mim, é uma forma de pensar o mundo que é muito específica. Você não está interessado em uma questão única, está interessado na imersão, na multiplicidade de questões dentro de um contexto amplo. Não é todo mundo que está interessado nisso. Não estou aqui dizendo que todo mundo deveria fazer etnografia, ou que a etnografia é a melhor forma de estudar audiência, não. A etnografia ajuda a responder questões específicas que têm a ver com o contexto da informação que se está buscando. Em outras questões, etnografia não ajuda. E essa é uma “implicância” minha; muita gente diz que faz etnografia, quando na verdade as pessoas fazem estudos interpretativos, qualitativos. Você faz entrevista, entrevista em profundidade, faz observação participante ou grupos de discussão. Mas etnografia é uma coisa muito mais ampla. Etnografia não quer dizer que é qualitativa, você pode usar *survey* em uma etnografia, pode recorrer à fotografia, documentos. A metodologia que você usa para coletar os dados quando está fazendo etnografia não é o que define uma etnografia. O que define uma etnografia é o modo de pensar o campo, é um *approach* para fazer pesquisa⁷.

7. Entre as publicações em que reflete sobre a pesquisa etnográfica, destacamos: LA PASTINA, A. Audience ethnographies: a media engagement approach. *Global Media Journal*, v. 4, n. 6, 2005.

Por exemplo, nesses 15 anos que venho fazendo etnografia, já utilizei fotografia, vídeo, arquivo, observação participante, tipos diferentes de entrevista, história de vida, grupos de discussão, *survey*, análise de texto e diários. Ou seja, todas essas formas de coletar informação são relevantes dependendo da questão que estou tentando responder. E tudo isso acontece dentro de um contexto. O Nigel Barley tem um livro que se chama *Notes from a Mud Hut* (Notas de uma cabana de barro) em que fala do fazer etnografia, que todo o tempo em que você faz etnografia, em que está no campo, 1% do que coleta são informações sobre o que você está interessado, e que vão realmente ser úteis para a sua análise; 99% são contexto, que ajuda a entender esse 1%. E é verdade. A maior parte do tempo em que estava fazendo campo, estava coletando informações que ajudavam a entender as pessoas, compreender a cultura da comunidade, conhecer o dia a dia, os rituais, os valores morais, as relações de gênero, tudo isso permitiu que eu escrevesse e entendesse essa relação entre telenovela, mídia e a comunidade. Mas o que escrevi, na verdade, é nada, 1% talvez seja muito.

MATRIZES: Você disse que tinha uma rotina muito definida no campo, como era essa rotina?

La Pastina: Odeio acordar cedo e odeio rotina. Não tenho rotina no meu dia a dia. O meu dia a dia, quando estou aqui no meu escritório, é uma coisa meio errática, às vezes venho cedo, às vezes tarde. No campo, sou outra pessoa. Rotina é a coisa mais importante no fazer etnográfico, no meu ponto de vista, porque a rotina permite que as pessoas contem com você de uma forma previsível, que as pessoas entendam como você entra naquela comunidade, que você faz parte daquela comunidade. Então, acordava às cinco da manhã, porque o meu vizinho acordava às cinco da manhã e abria a janela e começava a fumar o cigarro de palha dele e o cheiro me acordava. A razão porque as pessoas acordam tão cedo é porque todos dormem à tarde, porque é muito quente para você estar do lado de fora. Meio-dia, uma hora, você fecha a janela, fica tudo escuro, e você dorme por umas duas horas. A minha rotina, então: acordava às cinco da manhã, dava oi para os meus vizinhos, sentava no computador e escrevia, tomando café, e o que eu escrevia nesse período eram, em geral, ideias maiores, relendo o que eu tinha escrito no dia anterior, para ter certeza de que não tinha perdido nada, analisando algumas das coisas que tinha escrito, repensando um pouco o que tinha acontecido no dia anterior. Daí eu saía mais ou menos oito e meia, nove horas, para uma caminhada que, geralmente, me levava até a hora do almoço, mais ou menos meio-dia. E almoçava sempre na casa de uma família, que cozinhava para outras pessoas da comunidade, e comia sempre na casa deles, uma grande sacada, na verdade, porque eles se tornaram os meus

informantes – até hoje tenho contato com eles, são pessoas que eu quero muito bem, vi os filhos crescerem, enfim, tornaram-se uma parte muito importante do meu fazer etnográfico. Nessa rotina da manhã, das 9 às 12, vamos dizer, eu saía e passava nas esquinas onde os homens estavam conversando. É muito interessante, porque pela manhã era quando eu lidava, em geral, com homens. Eles estavam nas frentes dos negócios, do café, ou na câmara de vereadores; às vezes eu ia até alguma área de agricultura. Conversava com os homens, ficava sabendo o que estava acontecendo, ouvia a posição deles, falava da novela; eles, em geral, negavam que assistissem, mas no final da conversa sempre acabava que a novela, de fato, tinha sido assistida. Era muito importante para entender essa conexão e para me manter ligado à esfera masculina da comunidade, que era um pouco marginalizada, porque muitos deles não tinham trabalho, não tinham uma posição certa na comunidade, mas, ao mesmo tempo, mantinham controle do poder político e se agarravam à velha ordem patriarcal. O almoço era um momento em que eu ficava sabendo todas as fofocas da comunidade, tudo que estava acontecendo, porque essa família era muito bem conectada, o que ia acontecer no fim de semana, o que ia ocorrer de noite, eles sabiam e me passavam informações. E isso tudo ouvindo o programa de rádio sobre crimes na região. Aí eu ia para casa, dormia uma hora mais ou menos, e depois escrevia tudo o que tinha acontecido de manhã, era o meu diário de campo da manhã. Por volta das quatro da tarde eu saía, quando todo o mundo já estava de pé, e aí era quando visitava várias das mulheres, que estavam sentadas, muitas delas do lado de fora da casa, ou na sala da frente com a janela aberta, ouvindo o programa de rádio sobre questões femininas e telenovelas, e bordando. Era o momento em que eu conversava com as mulheres, com algumas crianças que já estavam voltando da escola, brincando. Era incrível como a cidade tinha certa segregação temporal e de gênero. Lógico, muitas vezes de manhã eu conversava com mulheres, à tarde conversava com homens, mas elas estavam mais disponíveis nesse momento porque elas estavam, de certa maneira, presas na máquina, mas podiam conversar enquanto bordavam, então era um momento meio de uma audiência cativa. A cidade era pequena, era muito fácil caminhar a pé, caminhar a cidade toda a pé. Eu jantava e ia assistir à novela. Cada dia eu assistia novela em uma casa diferente, às vezes assistia na praça, às vezes na janela de alguma casa. Nos primeiros quatro meses, eu ia visitando as casas, e mais ou menos no quinto mês já havia decidido as pessoas com quem iria continuar fazendo pesquisa em profundidade, então ia à casa delas com maior assiduidade. Tentava visitar essas pessoas durante o mês. Às vezes, visitava duas casas na mesma noite; às vezes, assistia à novela das sete em uma casa e à novela das oito em outra. Às vezes, sentava do lado de fora com as pessoas, e eles não estavam

realmente assistindo à novela, mas ouvindo. Depois, ia para casa e escrevia até às onze da noite, tudo o que tinha acontecido à tarde e à noite. No dia seguinte, pela manhã eu revia tudo. Precisava tomar todas essas notas, porque se eu não tomasse todas essas notas, no dia seguinte as perdia, era muito difícil separar o que tinha acontecido ontem do que acontecia hoje. E eu não tinha nada que tomasse o meu tempo, família, nenhuma outra obrigação, não tinha internet, o meu fazer diário era fazer campo. Eu dava aula de inglês duas ou três vezes por semana no ensino médio, era campo também, na verdade, porque estava dando aula, conversando sobre música, conversando sobre programas de televisão, era muito parte do trabalho, e esses jovens viraram contatos.

MATRIZES: Durante a sua pesquisa do doutorado, a revista *Veja* realizou uma reportagem nessa comunidade, enquanto você estava lá, sobre a relação do brasileiro com a novela. Como a revista abordou o tema e qual a repercussão local?

La Pastina: Na verdade, a *Veja* ficou sabendo desse projeto, que era muito bem financiado, por várias fundações americanas, com acadêmicos muito importantes do Brasil e do exterior. Então, resolveram fazer uma matéria sobre o projeto, não era sobre o meu trabalho, mas estavam tão interessados que mandaram uma repórter para essa cidadezinha no interior do Rio Grande do Norte. O que aconteceu é que a repórter da *Veja* foi com uma visão, no meu ver, um pouco limitada. Como estávamos fazendo campo numa cidade pequena, numa cidade média e numa cidade grande, a ideia da jornalista era de que a cidade pequena era mais representativa do mais tradicional e mais estereotipado dessa relação entre telespectador e telenovela. Havia uma expectativa de que as pessoas fossem muito pobres, que assistissem novela na praça pública, e de que fossem muito dependentes da televisão. E não era nisso que eu estava interessado, não era isso que estava encontrando nessa comunidade. Tentei mostrar que era algo muito mais complexo. Mas é difícil descrever e escrever a complexidade de um campo, em que eu já estava há nove meses, em um artigo da *Veja*, que, por sua vez, pensava no projeto de uma forma mais ampla. Estava muito preocupado, porque se saísse uma matéria ruim ou uma visão negativa dessa comunidade, eles iriam achar que eu era parte do problema, que representava o Nordeste e Macambira de uma forma negativa. E foi o que aconteceu. A *Veja* publicou uma matéria grande e tinha uma foto de meia página de algumas pessoas assistindo à novela na praça pública, dizendo que a comunidade era tão pobre que as pessoas não tinham televisão em casa e assistiam à novela em praça pública. O que não era verdade. As pessoas que iam assistir na praça assistiam porque queriam, todos tinham televisão em casa. Mas a ideia do Nordeste como pobre, da comunidade rural como pobre, prevaleceu. E, lógico, as pessoas da comunidade

ficaram muito bravas, comigo e com a *Veja*. Foi um momento no campo que passei apertado, um momento difícil. Emocionalmente, me senti culpado, a comunidade, como muitas do Nordeste, tinha sido representada como uma comunidade tradicional, primitiva, pobre, estereótipo que, em geral, a gente tem do Nordeste. O fato de a revista ter decidido fazer essa matéria lá, porque eu estava lá pesquisando, não ajudou a comunidade. O *Diário de Natal* fez um artigo em que tanto eu quanto outras pessoas falávamos que, na verdade, era um problema da mídia nacional, que tinha uma visão estereotipada do Nordeste e das regiões rurais. Enfim, o dano estava feito. É um daqueles momentos em que a sua prática etnográfica cresce. Cresci como etnógrafo, entendi muito melhor o que é ser da periferia da mídia nacional. A minha relação com a comunidade se transformou, algumas pessoas não falavam mais comigo, enquanto outras entenderam, me apoiaram. Foi um momento transformador.

MATRIZES: Mesmo quando se faz um estudo sobre mídia, a mídia tem essa dificuldade no relato. Nos Estados Unidos também é assim? Ocorre esse isolamento entre o que se produz na academia, mesmo quando é para se pensar a mídia, em relação ao que a mídia retrata?

La Pastina: É verdade, é uma questão interessante a que você está perguntando, porque tem isso sim. Grande parte do conhecimento que a gente gera na academia não sai das revistas científicas. Muitas vezes não conseguimos ter uma penetração dentro da mídia que estamos estudando. Vem ocorrendo alguma mudança, principalmente no Brasil, se você pensar como os grupos de pesquisa de telenovela têm acesso às produtoras de novela no país, existe pelos menos uma abertura. No caso da produção de notícias é mais problemático, ainda é um pouco o *ethos* do jornalista, aquela ideia da notícia como algo objetivo, enquanto grande parte da academia, principalmente na área de mídia, já entende que não existe objetividade, que é algo construído socialmente. Contudo, muitos jornalistas pensam na notícia como algo objetivo – “estou narrando o que realmente está acontecendo” – e esquecem que existe uma moldura que a gente usa para narrar os fatos. Então, existe realmente esta separação, é bastante visível quando a gente estuda questões de grupos periféricos, grupos minoritários, que estão *desempoderados*. Aí você vê como o conhecimento que a gente desenvolve, que é adquirido, sobre como essas representações negativas e estereotipadas influenciam as pessoas que estão consumindo esses produtos, não chega na representação midiática. Entretanto, a mídia muda pouco, lentamente. As representações que você vê hoje ainda são muito estereotipadas. É frustrante, acho que é frustrante sim. É importante que o que a gente “descobre” seja útil para a sociedade da qual fazemos parte. Historicamente, não é o caso. Tanto é, que

ainda se fala que os “acadêmicos estão na torre”, separados do resto do mundo, e é um problema. Hoje, nos Estados Unidos, é um problema muito grande, principalmente em escolas públicas, como a escola em que eu trabalho, em que a preocupação é muito grande em deixar claro como nós servimos à sociedade da qual fazemos parte, como nós servimos ao Estado, através do ensinar, mas também do pesquisar. A ideia de conhecimento só por conhecimento hoje não funciona mais, porque os recursos financeiros são muito restritos, você tem que demonstrar qual a validade do que faz. É um problema, porque nem tudo que a gente pesquisa tem um significado imediato. Temos o direito de pesquisar o que estamos interessados em pesquisar, sem censura, sem controle. Contudo, ao mesmo tempo, é válido pensar como justifico essas pesquisas dentro de uma organização que tem a função de servir à comunidade e é financiada em parte pelo cofre público.

MATRIZES: Falando ainda de isolamento: há alguma entrada da pesquisa brasileira, ou do restante do “Terceiro Mundo”, nos Estados Unidos, ou não é, de forma alguma, uma fonte?

La Pastina: É muito pouco, e é muito pouco porque infelizmente os americanos não leem em outras línguas, se o texto não estiver em inglês, é muito difícil. E se não estiver nos periódicos que são publicados em inglês, que têm uma circulação no exterior, é igualmente difícil. Sei que revistas brasileiras hoje estão publicando em inglês, a questão é: onde esses periódicos estão circulando? Quais as bibliotecas em que eles estão entrando? De quais sistemas de distribuição de textos eletrônicos eles fazem parte? Tão importante quanto publicar em inglês é colocar esses jornais e revistas nas bibliotecas europeias e americanas, e de outras partes do mundo, para que as pessoas possam ter acesso, eletronicamente. É preciso haver um processo de promoção fora do Brasil dessas publicações que estão lançando artigos em outras línguas, não só entre as pessoas que são especialistas em Brasil, porque essas, em geral, sabem onde procurar informação, têm acesso à informação e, muitas vezes, leem a língua. Então, por exemplo, é importante que alguns grupos que estão publicando no Brasil pensem em, por exemplo, ir à ICA, fazer um *stand* e falar “essas são as nossas publicações, estamos publicando em inglês, aqui estão os *sites*”. Do contrário, não tem penetração, é um problema seríssimo. Por exemplo, os estudos culturais no Brasil e na América Latina começaram antes do que nos Estados Unidos, a apropriação dos estudos de Birmingham ou dos teóricos franceses, como Baudrillard, ocorreu, no Brasil, antes do que nos Estados Unidos. Então, a circulação de informação ainda é muito restrita, muito limitada, e tem que mudar.

MATRIZES: Para concluir, gostaríamos que você falasse de planos de pesquisas futuras. E, também, de saber se passa pela sua cabeça voltar para o Brasil ou se sua carreira é, definitivamente, nos Estados Unidos.

La Pastina: Atualmente sou “administrador”, muito do meu tempo tem sido com essa questão de administração, tem tomado mais tempo do que eu gostaria. Mas estou num processo de retomar a pesquisa, estou escrevendo o que espero que se torne um livro, é uma série de artigos sobre esse último campo que eu fiz nessa comunidade no interior do Rio Grande do Norte, pensando mais essa questão de internet no Brasil e a relação entre internet e questões de identidades nacional e local. Outra coisa é que desejo escrever um pouco mais sobre telenovelas. Fiz, recentemente, uma série de entrevistas com autores de telenovelas do Brasil, não sei se será um livro ou uma série de artigos sobre a novela no país. Uma das minhas preocupações é que ainda há pouco escrito a respeito em inglês. São dois projetos de curto prazo. A longo prazo, não sei muito bem, tenho um projeto, que fantasio muito, que envolve um trabalho de campo na fronteira entre o Brasil, o Paraguai e a Argentina, atentando para questões de identidades culturais e políticas e a mídia nessa região, que é uma região muito complicada, de uma identidade muito volátil. É um projeto em que venho pensando, me preparando, talvez daqui a alguns anos seja a época de fazer o campo. Voltar para o Brasil, não sei, nunca tive uma oportunidade. Adoro o Brasil, eu adoraria lecionar por um tempo no país, mas não sei se permanentemente é viável. Estou aqui há 25 anos, minha carreira toda é aqui, aconteceu aqui, mas não quer dizer que o Brasil não seja uma possibilidade. Quem sabe? **M**

REFERÊNCIAS

- LA PASTINA, A. Telenovela reception in rural Brazil: gendered readings and sexual mores. *Critical Studies in Media Communication*, v. 21, n. 2, p. 162-181, 2004. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/07393180410001688056>
- _____. Selling political integrity: Telenovelas, intertextuality and local elections in Brazil. *Journal of Broadcasting and Electronic Media*, v. 48, n. 2, p. 302-325, 2004. DOI: http://dx.doi.org/10.1207/s15506878jobem4802_8
- LA PASTINA, A.; STRAUBHAAR, J. Multiple proximities between genres and audiences: The schism between telenovelas’ global distribution and local consumption. *Gazette*, v. 67, n. 3, p. 271-288, 2005. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/0016549205052231>
- LA PASTINA, A. Audience ethnographies: a media engagement approach. *Global Media Journal*, v. 4, n. 6, 2005. Disponível em: <<http://lass.purduecal.edu/cca/gmj/spo5/gmj-spo5-lapastina.htm>>. Acesso em: 25 mai. 2014.

_____. The implications of an ethnographer's sexuality. *Qualitative Inquiry*, v. 12, n. 4, p. 724-735, 2006. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/1077800406288615>

LEAL, Ondina Fachel. *A leitura social da novela das oito*. Petrópolis: Vozes, 1986.

McANANY, E.; LA PASTINA, A. As audiências das telenovelas: Uma revisão da literatura e crítica metodológica das pesquisas na América Latina. *Intercom*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 17-37, 1994.